o verde-oliva

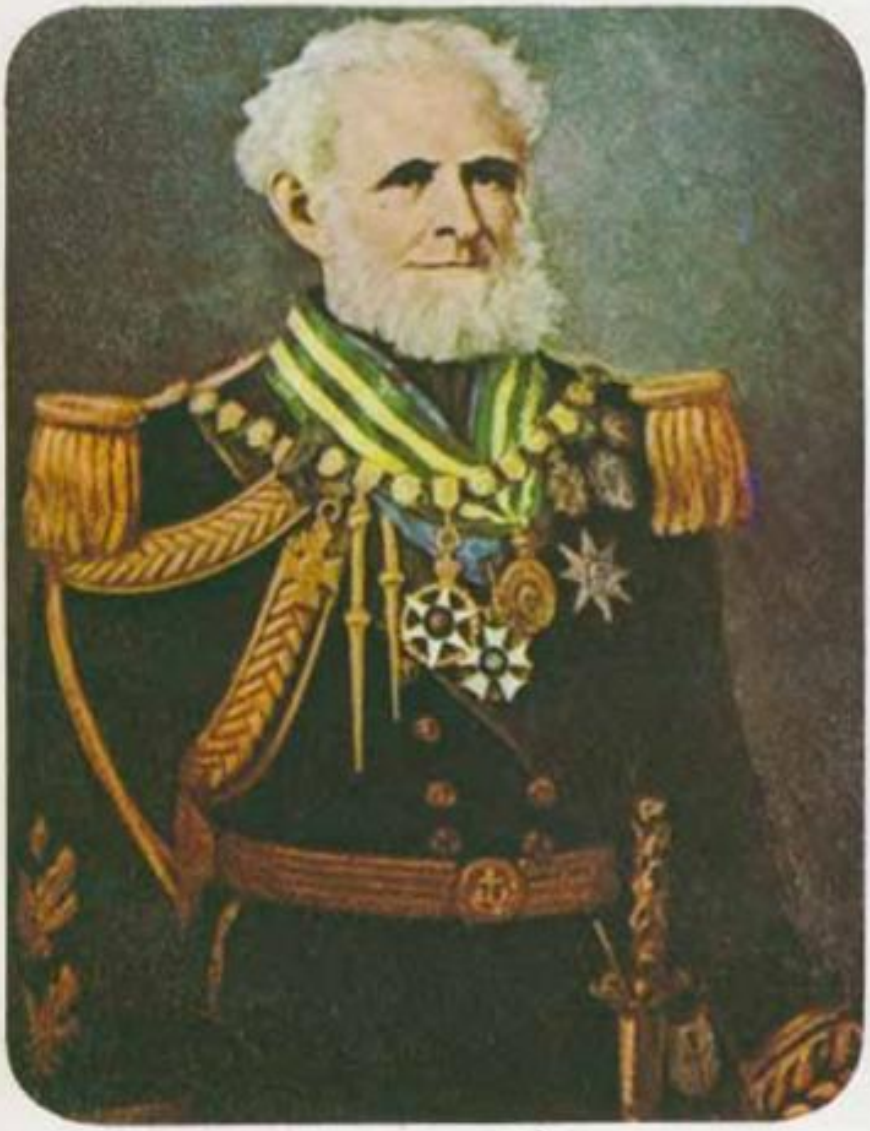
Gabinete do Ministro do Exército
Assessoria de Relações Públicas
Brasília, dezembro de 1977—N.º 21

DIA DO MARINHEIRO

13 DE DEZEMBRO

DIA DO MARINHEIRO

13 DE DEZEMBRO



O dia 13 de dezembro, data natalícia do Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré e Patrono da Marinha Brasileira, é efeméride de orgulho nacional e de justas homenagens aos Marinheiros do Brasil.

Comemorá-la é render culto aos heróis do passado em cujos feitos procuramos o testemunho de nossa grandeza e o estímulo que retempera a alma nacional, condicionando-a aos grandes empreendimentos do futuro.

A trajetória militar de Tamandaré é um exemplo de tenacidade, vontade e inteligência, postos a serviço da Pátria.

É o voluntário da Academia Imperial, praticante de piloto que, por ocasião da consolidação da Independência, em 1823, teve seu batismo de fogo, no combate de 4 de maio daquele ano, contra a esquadra portuguesa, na Bahia, prosseguindo na perseguição dos lusitanos até o Tejo.

É o primeiro-tenente destacando-se na Cisplatina por atos de bravura e acentuado valor profissional.

É o militar amadurecido e o chefe exemplar, pontificando com lições de coragem e abnegação nos dias agitados da monarquia, nas lutas internas pela manutenção da unidade nacional, na Guerra contra Oribe e Rosas e na Guerra da Tríplice Aliança.

É espírito e emulação iluminando a Marinha Brasileira através dos tempos, tanto na paz quanto na guerra, nas ações de proteção e segurança de nossos mares, visando a manter a inviolabilidade do território nacional.

É, na inspirada frase de Garcez Palha, "a história viva da Armada Nacional, a história viva da própria nacionalidade".

Reverenciando a figura insigne do Marquês de Tamandaré, o Exército Brasileiro, com admiração e respeito, homenageia a Marinha do Brasil.

Patrono da Marinha

ALMIRANTE JOAQUIM MARQUES LISBOA — MARQUÊS DE TAMANDARÉ

Histórico: Nascido a 13 de dezembro de 1807 — R.S. Praça de 4 de março de 1823 (voluntário). Tenente-em-Comissão — 2 de agosto de 1825. Capitão-Tenente em 22 de outubro de 1838. Capitão-de-Mar-e-Guerra efetivo em 14 de março de 1848. Chefe de Esquadra em 2 de dezembro de 1854. Vice-Almirante em 2 de dezembro de 1855. Almirante em 21 de janeiro de 1867. Falecido em 20 de março de 1897 — RJ.

Títulos Nobiliárquicos:

Barão em 1860 — Visconde em 1865 — Conde em 1887 — Marquês em 1888.

Condecorações:

Oficial da Ordem da Rosa, Oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro, Grã-Cruz da Ordem Imperial de Francisco José (Áustria), Comendador da Ordem de São Bento de Aviz, Comendador da Ordem da Torre e Espada, Patrono da Marinha Brasileira a 29 de outubro de 1948.

CURIOSIDADES

marítimas

Os homens do mar talvez por enfrentarem o mesmo perigo, vivem emoções idênticas, unem-se e criam formas próprias para se comunicarem e identificarem os instrumentos de suas rotinas, se é possível chamar de rotina o cotidiano da vida marítima.

A título de curiosidade, selecionamos da publicação "Tradições dos Homens do Mar" do Serviço de Relações Públicas da Marinha, alguns aspectos da tradição naval.

● NAVIOS

A medida longitudinal do navio é chamada comprimento; e a largura, sua medida transversal, é chamada boca. O calado é a medida da altura.

O navio de guerra, como um todo, é medido pelo peso do volume da água que desloca, quando flutuando em águas tranqüilas. A esta medida dá-se o nome de **deslocamento.**

As posições relativas do navio, para quem está a bordo, são consideradas da seguinte forma: se estiver na parte de trás, estará a **ré** e se estiver na parte da frente do navio, estará **a vante;** se estiver voltado para a parte da frente; o lado que ficar à direita é chamado **boreste;** e o lado que ficar à esquerda é chamado **bombordo.** A parte da frente do navio é a **proa;** a parte de trás, a **popa** que é o lugar de honra do navio.

● TRIPULAÇÃO

A "gente de bordo" compõe-se do Comandante e da tripulação. O Comandante é a autoridade suprema e, quando necessário, é substituído pelo imediato que é a segunda autoridade e Oficial Executivo do navio.

O dia de bordo é dividido em 6 períodos de quatro horas, chamados Quartos. Em função desses períodos todo pessoal do navio é dividido em três grandes grupos chamados "Quartos de Serviço". Tanto em viagem como no porto, cada intervalo de quatro horas é da responsabilidade de um quarto de Cabos e Marinheiros, de uma Divisão de Suboficiais e Sargentos e de uma Divisão de Oficiais, que zelam pelo navio, mantendo sobre ele vigilância para sua segurança.

● O SINO DE BORDO

Os intervalos de quatro horas chamados de Quartos são marcados pelo sino de bordo.

A batida do sino é feita no fim de cada hora, uma batida dupla para as horas múltiplas de 4 mais 1, duas batidas duplas para as horas múltiplas de 4 mais 2, três duplas para as horas múltiplas de 4 mais 3 e quatro para as horas múltiplas de 4. As meias horas são marcadas com batidas duplas correspondentes à hora que passou, mais uma batida simples.

A primeira meia hora após 12:00 e 00:00 horas é marcada com batida simples do sino.

● O APITO DO MARINHEIRO

O apito do Marinheiro tem sido através dos tempos uma das mais características peças do equipamento náutico de uso pessoal da gente de bordo. Os gregos e romanos já o usavam para fazer a marcação do ritmo dos movimentos de remo nas galés. Com o passar dos anos, o apito se tornou uma espécie de símbolo de autoridade e mesmo de honra.

O apito é, ainda hoje, utilizado para os toques de rotina e comando de manobras, por parte da guarnição dos navios; o oficial de serviço, utiliza-o para cumprimentar ou responder a cumprimentos dos cerimoniais de navios ou lanchas com autoridades que passa ao largo.

● UNIFORMES

O uniforme típico do Marinheiro é universal com três características marcantes: o gorro, a calça de "boca de sino" e a gola azul de três listas.

Quanto a gola de origem muito antiga, surgiu da necessidade de proteger a roupa das substâncias gordurosas com que os marujos untavam o "rabicho" de suas cabeleiras. O tempo passou. O "rabicho" desapareceu. A gola entretanto permaneceu como parte característica do uniforme. As três listas foram, pela primeira vez usadas nos funerais de NELSON para comemorar suas três grandes vitórias: Aboukir, S. Vicente e Trafalgar.

MARINHA DE GUERRA RENOVA SEUS MEIOS FLUTUANT

No Poder Marítimo reside o equilíbrio entre os que produzem e promovem o intercâmbio de bens pelas nações e os que equacionam o convívio entre os povos.

Historicamente, o mundo marítimo tem passado por constantes alterações e contínua evolução.

Todas as verdadeiras potências que a história registra dispuseram sempre de excepcional Poder Marítimo, para sustentar seus conceitos e influências.

O Brasil, pela extensão de suas águas territoriais, por sua privilegiada posição no Atlântico Sul, possui incontestável destinação marítima.

Sob o conjunto de determinantes históricas de nosso tempo é que a Marinha de Guerra desenvolveu — estritamente dentro de seus limites orçamentários — decidido programa de reaparelhamento e ampliação de seus meios flutuantes.

Equipando a nossa Armada com novas unidades — fragatas, submarinos, contratorpedeiros, navios varredores, navios patrulhas, navios transportes — podemos nos orgulhar da certeza de que estamos preparados para todos os desafios.

Obedecendo a um cronograma preestabelecido, as necessidades da Marinha estão sendo supridas. Assim é que apresentamos a Fragata Niterói, a mais recente unidade de superfície da Marinha.

CARACTERISTICAS

A Fragata "Niterói", especialmente projetada para a Marinha do Brasil, deslocando 3.500 toneladas, tem grande poder de combate, sendo capaz de atacar alvos de superfície, submarinos e aéreos. Possui um complexo circuito fechado de televisão e dispõe de sistema de ar refrigerado central, visando a um eficiente funcionamento dos computadores digitais, empregados no processamento de dados táticos. É dotado de câmara a prova de radiações atômicas, apresentando ainda partes internas do casco protegidas por blindagem metálica, preservando o pessoal contra a radiação.

ARMAMENTO

A "Niterói" possui, como arma principal, um lançador de míssil A/S Ikara, para ataque a longa distância, além de tubos de torpedos triplos e lançadores de foguetes duplos.

O Ikara foi projetado para conduzir um torpedo ativo, e seu funcionamento, em linhas gerais, pode ser assim descrito:

— o alvo é acompanhado por um sonar, localizado no próprio navio ou em um helicóptero que fornece, continuamente, informações destinadas aos computadores, dando-lhes condições de obterem a posição futura do objetivo.

— O navio mantém contato com o míssil, mesmo após seu lançamento, acompanhando sua posição ao longo da trajetória. Isto permite a coleta de novos dados que, enviados aos computadores, fornecem os comandos necessários à condução do míssil ao ponto ideal do lançamento do torpedo.

— Recebido o sinal de lançamento, o torpedo é separado do sistema por meio de uma carga explosiva e desce até o mar, amortecido por um pára-quedas. Ao impacto com a água, ele se liberta e inicia a busca que termina com a destruição do submarino inimigo.

Para sua defesa, o navio possui um canhão automático, de 4,5 polegadas, de elevada cadência de tiro; dois lançadores de mísseis triplos antiaéreos Seacat, instalados à popa; e dois canhões Bofors L70, de 40 mm, à meia nau.

Possui, ainda, controle e detecção eletrônicos com seu radar de busca aérea AWS-2 e uma variedade de equipamentos suplementares. Além do sonar de casco, é dotado de um sonar de profundidade variável que aumenta a probabilidade de detecção submarina.

MÁQUINAS

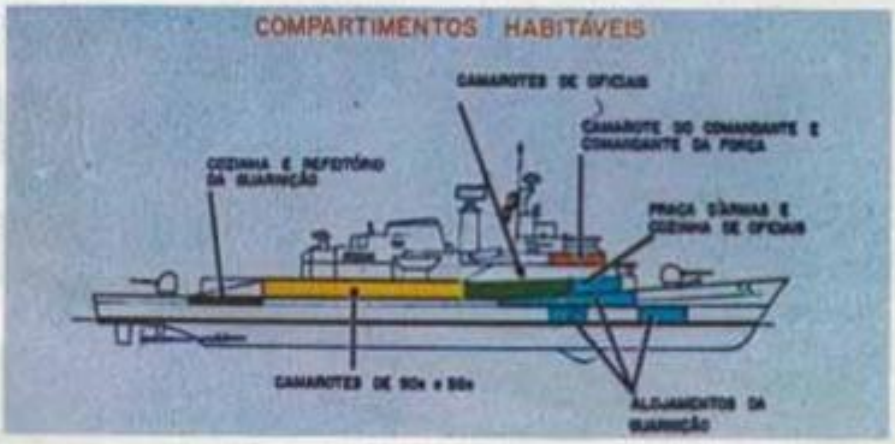
O sistema principal de propulsão da "Niterói" é uma combinação de turbinas a gás e motores a diesel dispostos em dois compartimentos.

As turbinas a gás são unidades da Rolls-Royce Ltd., cada uma delas com 28.000 BHP a 5.660 rotações por minuto. Os motores a diesel são do tipo MTU 956-TB91, de 16 cilindros, cada um com 3.940 HP.

Com dois motores a diesel em uso, a "Niterói" consegue uma velocidade de cruzeiro de 17,5 nós, que aumenta para 22 nós com os quatro motores em operação. Com as turbinas a gás, o navio atinge velocidades superiores a 28 nós.

A capacidade de armazenamento de óleo combustível é de 480 toneladas, o que dá autonomia ao navio de 4.200 milhas, a 19 nós.

ES


COMPARTIMENTOS HABITÁVEIS
CAMAROTES DE OFICIAIS
CAMAROTE DO COMANDANTE E COMANDANTE DA FORÇA
COZINHA E REFEITÓRIO DA GUARNIÇÃO
PRAÇA D'ARMAS E COZINHA DE OFICIAIS
CAMAROTES DE 90s e 50s
ALOJAMENTOS DA GUARNIÇÃO

ACOMODAÇÕES

A "Niterói" possui acomodações para uma tripulação de cerca de 200 homens, com alto padrão de conforto.

SISTEMA "CAAIS"

No moderno navio de guerra, uma das tarefas mais importantes é a coleta de informações. Nas fragatas classe "Niterói", elas são recolhidas de todos os sensores do navio: radares, sonares, contramedidas eletrônicas e observações visuais.

A Fragata "Niterói" dispõe de um computador que ativa o sistema CAAIS (Computer Assisted Action Information System) que fornece ao comando dados para uma ação correta e em tempo hábil.

Deslocamento:	3.500 toneladas;
Comprimento:	130 metros;
Boca:	13,5 metros;
Calado:	5.5 metros;
Sistema de propulsão:	CODOG
Velocidade	28 nós com turbinas a gás; e 22 nós com motores diesel.

MOCANGUÊ GRANDE - SEDE DA F

Na Ilha de Mocanguê Grande, na baía de Guanabara, está instalada a sede da Força de Submarinos do Brasil, criada a 17 de julho de 1914, com a chegada ao nosso território dos submarinos F-1, F-3 e F-5, construídos em La Spezzia.

Naquela ilha funcionam o Comando da Força de Submarinos, a Base Almirante Castro e Silva e o Centro de Instrução e Adestramento de Submarinos e Mergulho.

Ao longo dos anos esses órgãos vêm prestando inestimáveis serviços de reparo e apoio aos submarinos, bem como, instruindo e adestrando o pessoal submarinista e de escafandria.

A Marinha de Guerra acompanhando o acelerado ritmo de desenvolvimento do País, empenhou-se num programa de renovação de seus meios flutuantes, contratando a construção de novos navios a estaleiros nacionais e estrangeiros. Desta forma foram encomendados a estaleiros ingleses três submarinos da classe (OBERON) e aos Estados Unidos sete submarinos da classe (GUPPY), dotados de equipamentos sofisticados e de alto grau de modernização.

Tais características determinaram os órgãos de apoio e instrução a uma completa reestruturação.

Desta forma, o "Centro de Instrução e Adestramento de Submarinos e Mergulho", iniciou cursos específicos sobre as novas unidades, prédios foram projetados e vêm sendo construídos, para abrigarem as instalações de instrução e adestramento. Destaca-se entre estas o "Tanque de Salvamento", onde se pode realizar qualquer tipo de adestramento de mergulho, como por exemplo, a saída de homens que tenham ficado presos num submarino avariado, a uma certa profundidade.

A Base "Almirante Castro e Silva", órgão de reparação e apoio, além da completa ampliação de suas instalações, e alongamento do cais acostável, imprime um grande impulso ao setor de escafandria que lhe é afeto diretamente. Auxiliada pelo "Centro" mantém a sua "Divisão de Mergulhadores" (Divisão "K") pronta para qualquer emergência. Em 1974, foi criada a Divisão de Mergulhadores de Combate que reúne homens adestrados, capazes de penetrar em águas inimigas, destruir obstáculos, fazer levantamentos e retornar à base com pleno êxito. Dispõe de equipamentos de mergulho, destruição e locomoção submersos, dos mais modernos.

Conta ainda, a Base de Submarinos, com câmaras de recompressão para tratamento de homens acidentados com doenças de mergulho (doenças hiperbáricas). Todos esses serviços de escafandria e atendimento estendem-se ao meio civil.

ÇA DE SUBMARINOS DO BRASIL

A Força de Submarinos, grande unidade subordinada ao Comando-em-Chefe da Esquadra que tem, na sua infra-estrutura, o trinômio "Operação-Instrução e Adestramento — Apoio, vem cumprindo silenciosa, devotada e integralmente as missões que lhe foram confiadas.

Para manter os integrantes das equipes de "SBs" (submaristas e "EKs" (escafandristas) normalmente submetidos à condições de trabalho adversas — em perfeitas condições físicas, a Base dispõe de um especializado serviço médico, onde aqueles homens são submetidos a exames psicofísicos que vão desde o "check-up" clínico até os testes na câmara de recompressão e de "subida livre".

Carro Transporte Sobre Rodas Anfíbio (CTRA) — URUTU

PROJETOS E PESQUISAS

A Marinha, através do seu Instituto de Pesquisa, conduz os estudos no campo científico, relativos a assuntos de seu interesse; efetua pesquisas nos diversos ramos da ciência; ajuda no desenvolvimento da produção de material necessário às atividades da Marinha e de outras instituições militares e civis.

• • •

O projeto Cabo Frio é uma dessas grandes realizações do Instituto de Pesquisas. Localizado em Arraial do Cabo no RJ, conta com dezenas de cientistas e técnicos que se dedicam a estudos e experiências, num desafio, para o aproveitamento dos inesgotáveis recursos do mar.

• • •

O projeto Urutu, desenvolvido pela ENGESA de São Paulo, fez nascer um veículo anfíbio de concepção 100% nacional que tem apresentado excelente desempenho. Classificado como viatura blindada de transporte de pessoal e de reconhecimento, o Urutu deu nova dimensão à capacidade anfíbia do Corpo de Fuzileiros Navais.

• • •

Outro projeto importante, o do caminhão-anfíbio, está sendo acompanhado pelos engenheiros do Corpo de Fuzileiros junto a Bisell S/A de São Paulo.

Trata-se da remodelação e adaptação do modelo americano utilizando material nacional.

PROGRAMA DECENAL

O Ministro da Marinha aprovou recentemente o Programa de Reaparelhamento da Armada, autorizando a imediata aplicação de recursos oriundos do Fundo Naval para o desenvolvimento dos projetos do Navio-Escola e Navio-Patrulha Rápido.

Fazem parte específica deste Programa a construção, no Brasil, de Navio-Escola, Navio-Patrulha Rápido, Rebocador de Auto-Mar, Navio-Patrulha Oceânico e Navio de Apoio Fluvial, bem como a seleção e aquisição no exterior, de projetos de submarinos, cuja construção será encargo do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

Cada projeto de navio-tipo abrangerá desde a concepção inicial até a montagem de seu subsistema de apoio e manutenção, usando-se para tal, sempre que adequado e possível, a empresa privada nacional. Portanto, será dada a máxima ênfase à nacionalização dos meios materiais, devendo a importação de tecnologia ter precedência sobre a de produtos acabados. (NOMAR N.º 416)